



A CONTRIBUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA SEFARADI MEDIEVAL EM AL-ANDALUS PARA A CONVIVÊNCIA INTERCULTURAL E INTER-RELIGIOSA

THE CONTRIBUTION OF SEFARADI MEDIEVAL EXPERIENCE TO THE INTERCULTURAL AND INTERRELIGIOUS SOCIAL COEXISTENCE

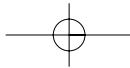
Cecília Cintra Cavaleiro de Macedo*

Resumo: O período da história da Espanha sob o domínio árabe (Al-Andalus) que se estendeu por cerca de oito séculos é considerado um período no qual a Espanha testemunhou o encontro entre a África, o mundo árabe e o Ocidente, bem como entre o Islam, o Judaísmo e a Cristandade, sendo considerado um símbolo para as propostas de diálogo intercultural e inter-religioso. Tendo seu início em 756, Al-Andalus desenvolve-se até a conquista do reino de Granada, em 1492, ano em que foi editado o decreto de expulsão dos muçulmanos seguido pelo decreto de expulsão dos judeus. Mas o legado judaico-islâmico sobreviveu na Espanha por meio da expressão poética, da apropriação de elementos culturais e políticos, da participação social dos conversos que se recusaram a deixar a península, dos esforços de tradução das obras de autores judeus e islâmicos, dentre outras manifestações. Este artigo visa apresentar essa atmosfera cultural de Al-Andalus principalmente mediante a expressão da comunidade judaica.

Palavras-chave: Islam; Judaísmo; Diálogo inter-religioso; Pensamento medieval.

Abstract: The period of Spanish history under Arab government (Al-Andalus) during eight centuries is considered a time when Spain witnessed the encounter between Africa, the Arab world and the West, as well as between Islam, Judaism and Christianity, and is viewed as a symbol for inter-cultural and inter-religious dialogue proposals. Beginning in 756, Al-Andalus evolves until the conquer of the muslim kingdom of Granada in 1492, the same year in which the edict of muslim expulsion was published, followed by the edict of the expulsion of the jews. But the jewish-islamic legacy in Spain survived among several manifestations through poetic expression, appropriation of cultural and political elements, social participation of the converted who refused to live the

* Doutoranda em Ciências da Religião, PUC-SP. Mestre em filosofia.
E-mail: cavaleirodmacedo@uol.com.br



península and the efforts to translate the works of jewish and islamic authors. This article aims to present this cultural atmosphere of Al-Andalus, especially through the jewish community expression.

Keywords: Islam; Judaism; Inter-religious dialogue; Medieval thought.

1. INTRODUÇÃO

A Espanha Medieval sob o domínio árabe pode ser considerada um episódio único na história e tem muito a contribuir com a discussão acerca do diálogo inter-religioso e da convivência de comunidades com padrões étnicos, religiosos e culturais diferenciados. A diversidade presente em *Al-Andalus* – nome árabe para a Espanha – incluiu árabes e berberes, cristãos trinitários e unitaristas bem como a comunidade judaica sefardi, que congregava, por sua vez, a ortodoxia rabínica e os *caraitas*¹ e que desempenhou papel fundamental para o avanço do conhecimento científico e do desenvolvimento literário e artístico-cultural do período. Por meio da filosofia e da poesia, vê-se como a cultura judaica influencia e é influenciada pelo contato relativamente pacífico entre cristãos e islâmicos. A profusão de informações e de publicações científicas, teológicas, filosóficas e literárias, acessíveis por essa relação, chega a tocar a religião, acabando por lançar as bases de uma linha própria de mística especulativa – A *Kabbalah* –, que vem, por sua vez, séculos depois, contar-nos novamente o cristianismo.

O período da história da Espanha sob o domínio árabe (*Al-Andalus*) estende-se por cerca de oito séculos. Entre avanços e retrocessos, *Al-Andalus* é considerada, até os dias atuais, um período no qual a Espanha testemunhou “o mais íntimo encontro possível entre a África, o mundo árabe e o Ocidente, bem como entre o Islam, o Judaísmo e a cristandade”², sendo considerada até hoje um símbolo para as propostas de diálogo intercultural e inter-religioso. Segundo Lomba Fuentes (1997, p. 15):

Se queremos entender em profundidade o ser da Europa, não basta dirigirmos o olhar para Grécia e Roma para encontrar suas raízes. O mundo semita, em suas vertentes muçulmana e judaica, constitui uma das bases fundamentais de nossa história e cultura.

A história da Espanha muçulmana começa propriamente quando Tariq Ibn Ziad (m.720), contando com um exército em que trezentos árabes eram minoria entre sete mil berberes, cruza o estreito que virá posteriormente a ter seu nome e desembarca na península ibérica. O desembarque se deu nas proximidades de um penhasco, ao qual deu seu nome *Yabal al Tariq* (ou o Monte de Tariq), nome este que veio a ser transformado em *Gibraltar*. Um mês mais tarde, as tropas de Tariq cercavam a cidade de Córdoba. Oficialmente, *Al-Andalus* tem início em 756, com a tomada islâmica da península Ibérica, constituindo-se, inicialmente, um emirado politicamente independente, ainda que reconhecendo a supremacia do Califado de Bagdá. No sentido inverso do que professa a história oficial contada pelos cristãos, o historiador espanhol Ignacio Olagüe (OLAGÜE, 1973) defende a idéia de que não houve propriamente uma invasão. Para ele, os conflitos religiosos entre a ortodoxia católica trinitária e o movimento unitarista (arrianos e priscilianistas), cuja expressão era grande na península, agravado pela presença expressiva da comunidade judaica foram a causa da entrada dos árabes, mediante as relações amigáveis, nesse momento, entre ambos os grupos (unitaristas e judeus) e o mundo islâmico, abrindo espaço para a islamização da península. Ele explica como os arrianos³ e priscilianistas⁴ unitaristas, associados aos judeus, solicitaram a ajuda e o auxílio dos muçulmanos para libertarem-se do jugo da monarquia visigoda, sediada em Toledo (OLAGÜE, 1974).

Em 929, Abd Al-Rahman III assume o título de Califa, sediando seu governo em Córdoba, iniciando um período de independência e tolerância religiosa, coincidindo também com a fase do esplendor islâmico na península. Segundo Bernaldo de Quirós (1968, p. 14-15):

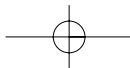
1 – Também conhecidos por ananistas, *qaraim* ou, a partir do século IX, *Bene Miqrã*, os caraitas são uma seita do judaísmo que remonta ao século VIII e professa a estrita adesão à Torah (Pentateuco) como única fonte de lei religiosa.

2 – Conforme indicado pela UNESCO, *The routs of Al-Andalus*, Intercultural Dialogue.

3 – Assim são chamados os defensores das pregações do bispo Arrio de Líbia (256-336). Nascido na Líbia, foi um defensor de um monoteísmo exacerbado que rejeitava a divindade de Jesus. A doutrina da Trindade, como se sabe, foi instaurada pela Igreja Católica em 325, estabelecida pelo pri-

meiro Concílio de Nicéia, produzindo um cisma entre os partidários deste monoteísmo. A partir disso, a defesa da posição de Arrio foi considerada uma heresia. Logicamente, esse pensamento unitarista estava visivelmente muito mais próximo do monoteísmo pregado pelos judeus e islâmicos, do que daquele que foi estabelecido pelos dogmas católicos.

4 – Seguidores de Prisciliano, religioso espanhol, bispo de Ávila, que foi executado por heresia no século IV.





Após a ruína do Estado visigodo, os israelitas irrompem novamente na Espanha pelas mãos dos muçulmanos. Começa então a época de Ouro dos judeus espanhóis [...] Os Onipotentes califas de Córdoba presenciaram o apogeu de uma cultura – complementar à sua – que irradiaria um esplendor cegante frente às incipientes civilizações europeias.

Em 1031, o califado decadente é desmembrado, substituído pelas *Taifas* – que consistiam em uma dúzia de pequenos reinos. Com a queda do califado de Córdoba, poder-se-ia imaginar que a situação do povo entraria em declínio trazendo consigo conseqüências nefastas para a produção cultural e para a minoria judaica. Mas o desmembramento do califado em pequenos reinos, no início do século XI, não afetou a cultura hebraica, pelo contrário, em alguns locais, contribuiu para aumentar seu esplendor. Isso foi visível especialmente nas comunidades de Granada e Zaragoza, sendo que nesta última brilharam figuras célebres como o poeta e rabino Samuel Ibn Nagrella (Há-Naguid), o qual, por meio de suas habilidades políticas e diplomáticas, chegou a vizir, filósofo e poeta Salomão Ibn Gabirol, e o célebre autor ético Bahia Ibn Paquda. “O tipo de judeu andaluz que se plasma na poesia hebraica é a do cortesão culto e refinado que, sendo amante dos prazeres do mundo, das letras e das ciências, esforça-se em cumprir através de tudo isso a religiosidade tradicional judaica” (ROMERO; MACÍA, 1997, p. 26).

A partir de 1086, os *Almorávidas*⁵ invadem a Espanha das *Taifas*, sob a justificativa de defesa contra a retomada cristã e restauram uma certa unidade de *Al-Andalus*. Seguem-se a eles os *Almohades*⁶ (1147-1232). Do espírito de tolerância e de convivência inter-religiosa que caracterizara o governo muçulmano do califado e de alguns reinos de *Taifas*, pouco restou. Simultaneamente, os reinos cristãos foram, a partir dessa primeira data, pouco a pouco retomando os territórios perdidos. Toledo, reconquistada pelos cristãos em 1085, jamais foi recuperada pelos muçulmanos, e até mesmo Zaragoza caiu sob o domínio cristão, assim como outros importantes territórios andaluzes.

Internamente aos territórios islâmicos, o período de domínio dos almorávidas e almohades foi caracterizado pelo fanatismo religioso e pela perseguição que atingiu não apenas aqueles que não professavam o islamismo – dos quais os governantes passaram a exigir a conversão –, mas que também foi exercida sobre seus correligionários. A partir de meados do século XII, essas perseguições foram estendidas aos próprios muçulmanos andaluzes. Ibn Rushd (Averróes), brilhante médico e filósofo, expoente do pensamento de *Al-Andalus*, foi censurado e preso, seus livros foram queimados e seu nome acabou execrado. O filósofo judeu Maimônides – pilar da filosofia judaica –, mesmo após se converter, foi obrigado a buscar refúgio em Marrocos e no Egito. “O golpe de misericórdia à esplendorosa cultura judaica de *Al-Andalus* foi desferido pelos Almohades, fanáticos religiosos norte-africanos que, chegando à península para ajudar seus irmãos na luta contra os reis cristãos, exigiram de todos os súditos a conversão ao Islam” (ROMERO; MACÍA, 1997, p. 28). De acordo com esse panorama, o declínio do esplendor cultural de *Al-Andalus* deveu-se tanto aos cristãos quanto ao fanatismo dos berberes que assumiram o poder.

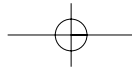
A partir de 1236, o poderio islâmico entrou irremediavelmente em decadência, culminando com a completa reconquista cristã. Esta foi reforçada pelo casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, que unificam seus exércitos sob a bandeira da Inquisição. A retomada cristã tem seu ápice na queda do último foco de resistência: o reino de Granada, em 1492. No mesmo ano de 1492, foi editado o decreto de expulsão dos muçulmanos, seguido pelo decreto de expulsão dos judeus, num processo que se estende até 1502.

Mas a marca judaico-islâmica na Espanha permanece, e pode ser vista, por exemplo, pela escrita *ajamiada*, que aparece em obras posteriores escritas em espanhol utilizando-se de caracteres árabes ou hebraicos. Outro ponto que pode ser levantado é que, apesar da Inquisição e dos decretos de expulsão, as culturas árabe e hebraica continuaram a florescer em ambiente cristão mediante a expressão poética, a apropriação de elementos culturais e políticos, a participação social dos conversos que se recusaram a deixar a península, os esforços de tradução das obras de autores judeus e islâmicos, dentre outras manifestações. “Ainda no século XIII, reis como Alfonso X e Sancho IV em Castela e Jaime I e Pedro III em Aragon contavam com judeus em suas cortes como conselheiros, médicos, diplomatas e financistas” (ROMERO; MACÍA, 1997, p. 41).

No século XII, é fundada em Toledo, que se encontrava sob domínio cristão desde 1085, a célebre Escola de Tradutores, pelo Arcebispo D. Raimundo de Toledo. Nessa Escola, cristãos, muçulmanos e judeus criaram um lugar destinado à tra-

5 – Os almorávidas (*al-murábitún*) eram uma confederação de três tribos Berberes, que construiu um império no maghreb e instalou seu domínio em *Al-Andalus* durante os séculos XI e XII. Os almorávidas mantinham uma estrutura baseada em comandantes militares, que eram também administradores e se auto-intitulavam *fajaha* (juristas).

6 – Grupo também berbere que desafiou a autoridade dos almorávidas e que os substituiu no poder a partir de 1147. Governaram por 122 anos entre os séculos XI e XIII. Tinham uma visão “puritana” da religião e foram os responsáveis por uma verdadeira “cruzada” para purificar o Islam. Tomam a cidade de Sevilha, estabelecendo ali seu governo independente.



dução de autores clássicos que, dessa maneira, deixaram seu confinamento no Oriente árabe-parlante e passaram a ser acessíveis aos estudiosos de origem latina. Muitas outras obras foram traduzidas, e dessa Escola surgiu a primeira tradução do Corão⁷, os tratados do matemático Abraham Bar Hiyya Hanassi (1035-1136), as obras do também matemático Al-Juarizmi e a obra filosófica de Salomão Ibn Gabirol. Mas mesmo nos reinos cristãos, a situação dos judeus já não era fácil. “Por volta de 1320 começaram a difundir-se pelos reinos hispanos as acusações de que os judeus envenenavam águas e profanavam hóstias [...]; tais acusações foram mais violentas no reino de Aragão, onde ocorreram numerosos alvoroços populares contra as *juderias*” (ROMERO; MACÍÁ, 1997, p. 44-45).

Após o século XIV, a Espanha cristã, antiga *Al-Andalus*, tinha dado lugar a uma seqüência de perseguições, expulsões e mortes. Calcula-se que mais de trinta mil judeus e muçulmanos foram assassinados entre 1498 e 1568. Cerca de trezentos mil judeus emigraram para regiões mais seguras, ainda no mundo islâmico (Norte da África, Império Otomano, Egito e Palestina), e, mais tarde, no mundo cristão (Sul da França, Países Baixos, Itália e Alemanha). Cerca de 120 mil judeus atravessaram as fronteiras, refugiando-se provisoriamente em Portugal, em troca de altas quantias pagas ao rei pela garantia de suas vidas. Muitos mais foram perseguidos, presos e torturados até que a Inquisição espanhola fosse abolida em 1808 (HOPE, 1971, p. 126). Com o auxílio do Tribunal do Santo Ofício e da Inquisição, não apenas as vidas de judeus e de muçulmanos que decidiram permanecer na Espanha foram ceifadas sob as ordens do Frei Tomás de Torquemada (1420-1498), mas, muito além disso, o golpe foi desferido também na cultura e na ciência. Seu sucessor, o cardeal Francisco Jimenez de Cisneros (1436-1517), fez queimar em 1499 as bibliotecas dos mouriscos. Calcula-se que mais de oitenta mil manuscritos da Espanha muçulmana tenham sido perdidos para sempre.

2. O LEGADO DE SEFARADI

Se, por um lado, pode-se afirmar que o encontro do pensamento judaico com a filosofia não é mera decorrência do contato com o mundo árabe⁸, dado que, seguindo o fio do neoplatonismo judaico, remete até Filon de Alexandria (m.40 d. C.), por outro lado, essa filosofia esteve em estado latente por mais de sete séculos. Após esse jejum, despontará Isaac Israeli (865-955?), o qual, mantendo a influência preponderante do pensamento neoplatônico que tanto marcou a filosofia judaica, incorpora já pesadas influências da *falsafa*⁹, principalmente de AlKindi (m.866) até chegar ao espanhol Salomão Ibn Gabirol. O movimento de idéias que gera a *falsafa* e o *Kalam*¹⁰ árabes tem seu início em Bagdá, e o mesmo ocorre no caso da filosofia judaica. Na Teologia, a chamada Escola de Saadia¹¹ de interpretação das Escrituras – modelo de exegese judaica no Oriente e em *Al-Andalus* – apresenta fortes influências do *kalam mutazili*¹².

Embora seja possível remeter-se a autores judeus anteriores, não se pode pensar a filosofia judaica medieval espanhola sem considerar os filósofos árabes “que foram os mestres dos judeus” (GILSON, 1995, p. 454). Saíndo das terras islâmicas, a filosofia judaica medieval segue o mesmo percurso de ocidentalização. Do Oriente, migra para a Espanha, sob o domínio árabe; adota o árabe como sua língua culta, confronta-se com o cristianismo, enfrenta a conversão forçada e vem a ter finalmente seus maiores adversários e detratores no seio do próprio pensamento judaico. O renascimento da filosofia judaica no mundo islâmico – e particularmente em *Al-Andalus* – deve-se ao florescimento intelectual estimulado pelos governantes, como se vê especificamente na *Taifa* de Zaragoza (1018-1118), berço da obra de Ibn Nagrella, Salomão Ibn Gabirol e Bahia Ibn Paqûda. Esse estímulo está intimamente ligado ao *status* de *Ahl al-dhimmis* – povo protegido –, do qual gozavam os judeus. Em comparação com o tratamento conferido às comunidades judaicas por parte da Europa cristã, essa situação proporcionou um grau de liberdade invejável, tanto no sentido da manutenção da religião quanto no desenvolvimento da teologia, da literatura e do pensamento filosófico.

7 – Em 1143, Roberto de Chester, com a ajuda de um erudito muçulmano, é encarregado da tradução do Corão por Pedro o Venerável, abade de Cluny.

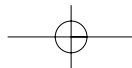
8 – Sobre a discussão das origens da filosofia medieval judaica, ver De Libera (1998, p. 195 et seq.).

9 – Termo árabe para filosofia.

10 – *Kalam* – Proveniente de *Kalaam Allah* (Palavra de Deus) – *Ilm Ul-Kalaam* (teologia), teologia especulativa, interpretação racional das escrituras. O termo árabe *Kalam* foi “exportado” e se considera, por associação, que exista um *Kalam* judaico e até mesmo um *Kalam* cristão, que se dedicam à defesa das Escrituras, da criação e da necessidade de um princípio e causa do mundo por meio de argumentos racionais.

11 – Saadia Gaon, conhecido como Al-Fayyumi, nasceu no Egito em 882 e foi Gaon da Academia Rabínica de Sura no Iraque. Foi considerado o “príncipe” dos talmudistas de sua época; escritor prolífico, sobretudo em árabe, desenvolveu a linha de teologia racional. Em seu texto filosófico principal *Emunot Vedeot* (“Fé e razão” ou “Livro das crenças e opiniões”), defende que a Razão e a Religião não são excludentes, dedicando-se a justificar a fé pela razão.

12 – *Mu'tazili* – Escola Teológica Islâmica defensora do livre-arbítrio. Defendia a interpretação filosófica e a incorporação da filosofia à teologia. Teve muita influência entre os xiitas. Foi derrotada pela escola *Ashar*, que se tornou uma espécie de “ortodoxia islâmica”.





3. AHK AL-DHIMMIS: OS JUDEUS SOB O DOMÍNIO ISLÂMICO

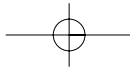
Certo é que não se pode afirmar ter existido em *Al-Andalus* uma democracia religiosa nem algo semelhante a uma igualdade de direitos entre os praticantes das diferentes religiões. Nem poderia ser assim, já que se trata de plena Idade Média, e propostas de igualdade ainda estão longe de ser formuladas como projetos civis e sociais a serem levados a sério. Impostos mais altos eram cobrados, existia a sinalização por meio do vestuário. Mas a instituição islâmica da *dhimma*, diante do que ocorria nos reinos dominados por governos de maioria católica, constitui grande avanço, no sentido de que conferia o *status* de “povo protegido” aos praticantes das demais religiões “do Livro”, notadamente judeus e cristãos.

Dhimma é um termo próprio do direito islâmico que implica outorgar uma personalidade jurídica que, ao mesmo tempo que reconhece o direito às práticas religiosas, garante a sujeição de um patrimônio e a imposição de certas obrigações. A instituição da *dhimma* remonta à tradição corânica e a Mohammed e parte do entendimento de que uma vez que este se considera herdeiro dos profetas do Antigo Testamento e que sua revelação nada mais faz que reafirmar a fé perdida pelos judeus e cristãos, estes não podem ser tratados como inimigos completos da mesma maneira que os povos considerados idólatras, ateus e politeístas. Dois níveis jurídicos diferenciados podem ser notados na questão da *dhimma*: o primeiro deles é considerado infalível, pois é estabelecido por revelação no próprio Corão; o segundo já é considerado falível, consistindo, em sua maior parte, em analogias e costumes. O tratamento conferido a judeus e cristãos tem, portanto, duas fontes, correspondendo a esses dois níveis:

- 1- O estatuto puramente religioso, de origem revelada, baseado no texto Corânico (CORÃO, sura IX) que estabelece o *status* de proteção aos “povos do Livro” (cristãos, judeus e “sabeus”) e que, por conveniência, acabou por englobar também os mazdeístas. Vale ressaltar que esta última situação não foi tão simples, dado o interesse islâmico em neutralizar e inviabilizar ao máximo o zoroastrismo por razões políticas, que visavam a aniquilação do império persa. Entretanto, por desconhecimento do significado estrito do termo “sabeus”, muitos grupos acabaram por entrar no conjunto heterogêneo de *Ahl Al Kitab*, notadamente “zoroastrianos, mandeus, harranianos e hindus” (LEWIS, 1980, p. 784 et seq.).
- 2- O estatuto jurídico-teológico, portanto de origem puramente humana e sujeito a interpretações, variável de acordo com as diferentes condições históricas e geográficas. Os limites deste são estabelecidos de acordo com os ensinamentos do Profeta, mas adaptados às condições do local e as condições da conquista. Vale observar que um dos argumentos levantados em colaboração com a idéia de que a ocupação Islâmica da península ibérica não se deu como uma conquista armada violenta é a flexibilidade da *Dhimma*.

Ao “povo do Livro”, *Ahl Al kitab*, era permitida a manutenção de suas crenças e obrigações religiosas, sendo considerados algo como “membros menos esclarecidos da comunidade”. Em *Al-Andalus*, aos “povos do Livro” foi permitido conservar seu direito interno, a manutenção dos locais de culto preexistentes à ocupação, ainda que não fosse permitida a construção de novos sítios. A *dhimma* visava, mediante o pagamento de tributos, a garantia de respeito à vida, aos bens, à religião e à organização comunitária. Do ponto de vista cultural, o estudo regular e aprofundamento do idioma árabe era permitido aos praticantes de outras religiões. Esse detalhe levou à disseminação das idéias islâmicas e ao conhecimento dos textos gregos traduzidos para o árabe, “contaminando” o cristianismo e o judaísmo, bem como trouxe a possibilidade de “re-contaminação” pela disseminação também das idéias e interpretações originariamente cristãs e judaicas, as quais, em *Al-Andalus*, eram escritas em árabe. “Os jovens estudavam, junto com o Talmud, outras matérias como poética, filosofia, medicina, astronomia, etc.” (ROMERO; MACÍA, 1997, p. 29).

Assim, os expoentes da cultura judaica em *Al-Andalus*, ao menos até o final do século XII, falavam e escreviam em árabe e estavam em contínuo diálogo com a cultura islâmica. Dentre eles, é possível citar sem medo a lista que se segue. Neste trabalho, não haveria espaço para todos aqueles que se destacaram no período, nem para um detalhamento maior desses grandes personagens, portanto indicam-se somente alguns nomes e seus traços principais. Pode-se dividir em dois períodos distintos: o primeiro seria a produção intelectual em *Al-Andalus* até o século treze, e o segundo, o pensamento já no contexto da expulsão. No primeiro período, destacam-se:



3.1 Ibn Shaprut (910-970) – Médico da corte de Abderrahmán III e al-Hakam II; seu talento diplomático era notável. Originário de uma importante família judia, recebeu esmerada educação tanto judaica quanto árabe, estudou medicina, destacando-se na ciência. Colaborou com a tradução ao árabe do original grego de *Matéria médica*, de Dioscórides Pedaneu de Cilícia (40-90) – tratado de botânica e farmacologia (MAESO, 1956).

Outro feito de Hasday no campo da medicina foi a invenção de um fármaco “tríaca” (theriaca), chamado em árabe de *furuq*, o qual possuía extraordinárias propriedades curativas. No século I antes de Cristo, o rei Mitridates Eupator descobriu o remédio curativo theriaca. Mais tarde, o médico de Nero, Andrômaco de Creta, aperfeiçoou o fármaco, criando uma droga de 61 elementos. Com o passar do tempo a fórmula foi perdida e constituiu-se num objeto de investigação de muitos médicos. Hasday conseguiu recuperar a fórmula. (RODRÍGUEZ, 1981, p. 63-64).

3.2 Salomão Ibn Gabirol (1022-1053/1070), Shelomo ben Yehuda Ibn Gabirol (latinizado Avicébron) – Poeta, filósofo, gramático, exegeta das escrituras, místico andaluz medieval. Sua obra filosófica influenciou indiscriminadamente judeus, árabes e cristãos, ainda que sua identidade judaica tenha sido apagada através dos séculos, e seu nome, quase esquecido em alguns momentos da história. Diversos autores desenvolveram seus trabalhos sob os ecos das idéias de Avicébron ou de Abbu Ayyub Sulayman Ibn Yahia Ibn Yabirul. Sua obra filosófica fundamental, *A fonte da vida*, escrita originariamente em árabe, influenciou profundamente a escolástica cristã. Sua produção poética, especialmente a religiosa, foi preservada no seio do judaísmo, em que seus cânticos, dentre eles o célebre poema *Keter Malkhut*, foram incorporados à liturgia do *Yom Kippur*. Escreveu também o primeiro tratado sistemático de ética. Sua influência chegará a Giordano Bruno e Spinoza.

3.3 Abraham Bar Hiyya (1065-1136) – Filósofo e matemático sefaradi, um dos primeiros expoentes da álgebra no Ocidente. Suas obras principais foram traduzidas para vários idiomas.

3.4 Yehudá ha-Leví (1075-1141) – O poeta medieval Yehudá Ná-Leví ficou conhecido por sua extensa obra, de temática variada. Nascido em Tudela, Espanha, entre 1070 e 1075 e morto em torno de 1141, supostamente na Palestina em circunstâncias misteriosas, é considerado um dos maiores poetas nacionalistas do judaísmo medieval, tendo sido alguns de seus poemas incorporados à liturgia sefaradi do *Yom Kippur*. Do ponto de vista filosófico, é situado no âmbito do neoplatonismo (modelo afirmado por Salomão Ibn Gabirol, que veio a se tornar dominante entre os séculos XI e XII) por sua obra célebre, *o Livro da prova e fundamento da religião menosprezada*, mas mais do que filósofo racional, é um apologeta da religião, que se dedica a refutar as demonstrações filosóficas. Essa obra ficou conhecida pela tradução hebraica de Ibn Tibbón sob o nome *Sefer Há-Cuzari* e foi vertida para várias línguas¹³.

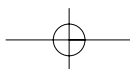
3.5 Moisés Ibn Ezra (1060-1139) – O poeta granadino Moisés Ibn Ezra escreveu o mais importante tratado de teoria poética judaica em árabe, denominado *Kitab al-muhadarah ua al-mudhakarrah*.

3.6 Abraão Ibn Ezra (1089-1164) – Nascido em Tudela, sobre a notável figura de Abraham Ibn Ezra, comenta o hebraista David Romano que foi “o mais influente dos cientistas judeus que viveram na Alta Idade Média cristã” (ROMANO, 1992, p. 104-105). Foi gramático, teólogo, exegeta bíblico e se ocupou de temas científicos, especialmente astronomia, astrologia e matemática.

3.7 Yehudá al-Harizi (h. 1170-1235) – O escritor Yehudá al-Harizi, nascido nas cercanias de Barcelona, de uma família oriunda provavelmente de Granada, viveu em Toledo, Catalunha e Sul da França. Adotou na literatura judaico-andaluza as regras e imagens da poesia islâmica.

3.8 Bahya Ibn Paquda O filósofo e moralista zaragozano Bahya Ibn Paquda, bastante influenciado pelas correntes místicas islâmicas e neoplatônicas, escreveu em árabe *Os deveres dos corações (al-Hidaya ila fara'id al-qulub)*. Essa é mais uma obra que se conserva até nossos dias graças a sua tradução ao hebraico. Foi recentemente traduzida para o português.

¹³ – Obra recentemente traduzida para o português pela Editora Sefer.





A partir dessa data, deve-se fazer aqui uma distinção. O período de esplendor de *Al-Andalus* estava chegando ao fim, e muitos dentre os pensadores posteriores já começam a migrar para outras regiões, ainda sob o mundo islâmico, devido ao fanatismo religioso dos almorávidas e almohades. Dentre estes, podem-se ainda destacar, a partir do século treze, os nomes de:

3.9 Maimônides (1135-1204) – O rabino Moshé Ben Maimón, médico, jurista e filósofo (Abu Imran Musa Ibn Maimún Ibn Abdallah al-Qurtubi), nasceu na cidade de Córdoba. Emigrou em 1160 a Fez (Marrocos), em seguida a Fustat, onde se estabeleceu. Considerado o maior filósofo judeu da Idade Média, suas obras, todas escritas em árabe, dedicam-se a diversas disciplinas. Sua obra mais importante, até hoje utilizada, é *O guia dos perplexos*, escrita entre 1185 e 1190¹⁴. Seu principal esforço foi conciliar a religião revelada e a fé racional; apóia-se aí na filosofia islâmica, em sua vertente mais aristotélica-aviceniana, defendendo que a aquisição do conhecimento científico é uma das formas mais elevadas de fé.

3.10 Ben Sahl (1212-1251) – Nascido em Sevilha, Abu Ishaq Ibrahim Ben Sahl, de origem judaica, foi um brilhante poeta que se converteu ao Islam, destacando-se nos estudos do Corão e chegando a ser secretário do governador muçulmano de Ceuta (ver BEN SAHL, 1984).

3.11 Ibn Falaquera (1225-1295) – Filósofo e tradutor, defensor das obras de Maimônides, apesar de ser o tradutor para o hebraico também da filosofia de Ibn Gabirol.

3.12 Moisés de Leon (1240-1290) – Cabalista sefaradi, nascido em Guadalajara, atribui-se a ele a publicação do *Sefer Há-Zohar*, livro considerado por uns de extrema antiguidade, entendido pelos cabalistas como o livro fundamental da *Kabbalah*. Hoje se acredita que ele mesmo compilou esses ensinamentos de fontes variadas, expressando uma visão própria da Escola de Gerona.

3.13 Hasdai e Yehudá Cresques – Cartógrafos maiorquinos, pai e filho confeccionaram diversos mapas, dentre eles o chamado *Atlas Catalão*, de 1375, que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris:

No reinado de Pedro IV (1336-1387) as quase mil famílias instaladas em Mallorca e Menorca possuíam um alto nível cultural. Floresceram entre eles as ciências, sobretudo os assuntos relacionados com a navegação; muitos hebreus de Mallorca se destacaram como construtores de instrumentos náuticos, e a cartografia estava inteiramente em suas mãos. Abraham Crescas, de Palma, e seu filho Yehudá eram célebres por seus mapas-mundi (foi chamado de “o judeu dos mapas”); outros cartógrafos foram Haim Ibn Rish, Gabriel de Valsecha (que em 1439 desenhou o mapa que deveria orientar Américo Vesputio) e Mecia de Viladestes (BERNALDO DE QUIRÓS, p. 179).

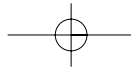
Hasdai era também filósofo, defensor da tradição espiritual judaica, e se opôs a Maimônides e a outros filósofos por considerá-los excessivamente racionalistas. Sua obra principal é *Or Adonai* (A luz do Senhor).

3.14 Abraão Zacuto (1450-1522?) – Último expoente da astronomia andaluza. Nascido em Salamanca, estudou astronomia, astrologia, medicina e matemática. Em 1492, é um dos judeus que busca se refugiar em Portugal. Entre 1496 e 1497, aconselha com seus conhecimentos de náutica e astronomia a expedição de Vasco da Gama. Suas contribuições foram imortalizadas pelas alusões de Luís de Camões no Canto V dos *Lusíadas*. Seus principais tratados são o *Sefer Yuhasin* (Livro das genealogias ou das linhagens) e dois tratados astronômicos: *Hajibbur Hagadol* (Compilação Magna ou Grande obra), de 1478, e o *Almanach perpetuum* (Almanaque perpétuo), publicado em Leiria (Portugal) em 1496 (ZACUT, 1986). Com as perseguições sofridas em Portugal, transfere-se para Túnis (Marrocos), onde termina seus dias.

3.15 Leão Hebreu Yehudá Leon Abravanel (1460-1521) – Mais conhecido como Leão Hebreu, famoso filósofo que, originário de Portugal, emigrou para a Itália após a expulsão. Em suas obras, a mais conhecida é *Diálogos de Amor*, fundem-

¹⁴ – Sobre astronomia escreveu o *Tratado sobre o calendário (judaico)* (1158), *Carta aos rabinos e Marselha sobre a astrologia* (1194). Na filosofia, *Guia dos perplexos* (entre 1185 e 1190), intitulada originalmente em árabe *Dalalat al-ha'irin* e chamada em hebraico de *Maré neuchim*. De suas obras rabínicas (1180), *Mishné Torá* (também publicada em português pela Editora Imago, assim como

diversas epístolas). Dentre suas obras de medicina, destacam-se *Aforismo médico de Moshé* (1187-1190), *Tratado sobre a asma* (1190), *Sobre o coito* (1191), *Sobre a higiene* (1198) e *Explicação das particularidades* (1200).



se as influências da teoria neoplatônica e aristotélica, muito provavelmente já por meio de Ibn Gabirol e de Maimônides, respectivamente. Para ele, o amor é o princípio universal, de origem divina, e cada ser não é mais do que um grau desse amor (LEÃO HEBREU, 2001). Em suas obras, fundem-se também contribuições das tradições judaica, cristã e islâmica.

Quanto à história de *Al-Andalus* e a real situação da convivência inter-religiosa na Espanha medieval, muitas coisas ainda precisam ser estudadas e recuperadas. Mas é de fundamental importância, tanto para o estudo do pensamento europeu quanto para a compreensão da proximidade e da distância entre as três religiões monoteístas, o estudo desse período. Conforme o professor Lomba Fuentes (1997, p. 16):

Não é à toa que “Europa”, na mitologia grega, era de ascendência fenícia. Estas raízes semíticas da Europa são detectáveis especialmente na Idade Média. Durante este período, o desnível cultural entre a Europa e o mundo árabe foi patente. A Europa estava submersa nos restos empobrecidos de uma latinidade tardia, enquanto que o Islam e o judaísmo recuperavam o melhor do pensamento grego, assimilavam e aperfeiçoavam.

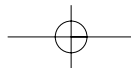
Muito mais do que uma contraposição entre Islam e cristianismo com a comunidade judaica no meio, a história de *Al-Andalus* tem a nos mostrar que a inimiga da paz não é a religião concorrente, mas a ignorância que traz consigo a mentalidade restrita e o fanatismo, sejam eles de origem religiosa ou de qualquer outra origem.

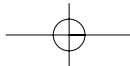
As relações harmônicas e pacíficas entre aqueles que professam diferentes religiões, pautadas pelo respeito aos costumes e tradições, só tendem a acrescentar ao patrimônio cultural da humanidade; as relações entre os diferentes grupos religiosos em *Al-Andalus* geraram imensos ganhos e uma inigualável produção científica, filosófica, literária e teológica. Não se quer fazer aqui uma apologia de *Al-Andalus* em seus áureos dias, mas pode-se e deve-se chamar a atenção para o fato de que um ambiente pacífico e produtivo em termos de conhecimento foi destruído pelo fanatismo, o qual, de acordo com a visão histórica apresentada neste trabalho, foi exercido por ambos os lados (cristão e muçulmano). Essa é a razão pela qual, nesta análise, utiliza-se como foco central os ganhos e a produção desenvolvida no seio da comunidade judaica, como minoria étnica, religiosa e política, dominada tanto por uns quanto pelos outros e, portanto, com menores chances de desenvolvimento de sua cultura nesses ambientes. A luta contra o fanatismo não deve ser confundida com uma questão de fé, de preferências ou de confissão religiosa, pois isso seria transformá-la numa guerra santa. Nada tem a ver com “cruzadas contra o mal” (no atual momento político, identificado com o islamismo) nem com a proibição de símbolos religiosos. Desde sempre, os símbolos religiosos foram tidos como afirmação de identidade histórica e cultural.

A luta contra o fanatismo começa no interior da própria religião professada, como uma luta pelo esclarecimento em direção ao conhecimento das razões do outro; uma luta ética contra os próprios preconceitos, com argumentos, idéias e crenças, não com armas. Quanto a isso, a história de *Al-Andalus* tem muito ainda a nos ensinar.

REFERÊNCIAS

- BEN SAHL de Sevilla. *Poemas*. Madrid: Hiperión, 1984.
- BERNALDO DE QUIRÓS, Felipe Torroba. *Historia de los sefarditas*. Buenos Aires: Eudeba, 1968.
- DE LIBERA, Alain. *A filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HOPE, Thomas. *Torquemada*. Buenos Aires: Losada, 1944.
- LEÃO HEBREU. *Diálogos de amor*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.
- LEWIS, Bernard. L'islam et les non-musulmans. *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Paris: École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1980. p. 3-4.
- LOMBA FUENTES, Joaquín. *La raíz semítica de lo europeo*. Madrid: Ediciones Akal, 1997.
- MAESO, David Gonzalo: Un jaenés, ministro de dos califas (Hasday ibn Shaprut). Jaen: *Boletín del Instituto de Estudios Jaennenses*, 1956.
- OLAGÜE, Ignacio, *Los arabes no invadieron jamás España*. Barcelona: Juan March, 1973.
- _____. *La revolución Islámica en Occidente*. Barcelona: Fundación Juan March, 1974.





A contribuição da experiência sefardi medieval
Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo



-
- RODRÍGUEZ, Carlos del Valle. *La Escuela Hebrea de Córdoba: los orígenes de la escuela filológica hebrea de Córdoba*. Madrid: Editora Nacional, 1981.
- ROMANO, David. *La ciencia hispanojudía*. Madrid: Mapfre, 1992.
- ROMERO Castelló, Elena; MACÍA Capón, Uriel, *Los judíos de Europa*. Un legado de 2000 años. Madrid: Anaya, 1997.
- ZACUT, Abraham. *Almanach perpetuum*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa de Moeda, 1986.

